

comentários sobre o trabalho de Solano Benítez

Angelo Bucci
2009

Revista AU n. 185

... não estamos feitos de outra substância senão dos outros.

Recentemente ouvi a citação acima de Solano Benítez. Ele não prescinde dos poemas para nos fazer ver as razões de seus projetos de arquitetura. A fonte, que ele citava, eu já não me lembro. Nem me lembraria, pois é na sua atuação que essas imagens ganham vida intensa, é nela que o seu sentido perdura na memória da gente. Os poemas são parte do arsenal que ele usa para nos fazer ver seu campo de ação, seu ideal de cidade e a causa em que ele se engaja.

Poesia ali é matéria. Melhor, é técnica. É ali, no campo simbólico, que ele confia a direção e o sentido das suas ações. Para ele, poesia é bússola, coordenada, é rumo de navegação.

Então, cabe à gente se perguntar: em que nave ele navega?

A nave, no caso, são as casas do Solano.

Mas como elas estão feitas?

De tijolos quebrados, alguém poderia responder. Aparentemente correta, essa resposta é profundamente falsa. Seria tola, como se boiasse perdida na superfície do mar em que ele navega, se não fingisse responder com o que sabe não ser o bastante. Pois a resposta esconde atrás da aparência de um material, em si precário, a elaboração cuidadosa e a sofisticação arquitetônica que se mobilizam na realização desses projetos.

É, afinal, uma resposta inaceitável. Pois, nessas obras, não existe a dimensão superficial.

Para olhar essas naves é preciso mergulhar no mar em que elas navegam e ali, imerso, saber ver. Sendo assim, não se partirá de outro pressuposto senão da consideração de que ali não existe um único tijolo quebrado. Tudo ali está solidário num conjunto armado de tal modo coeso que a unidade mínima não pode ser nada menos do que a obra inteira. Ali tudo tem integridade, ali todos os tijolos são perfeitos.

Suas obras são os templos da essência.

Essência de quê?

Da coerência de uma obra feita ao longo da vida do arquiteto.

PRECEDENTE

Em 1994 os trabalhos de Solano Benítez foram apresentados pela primeira vez fora do Paraguai. Foi em Portugal, por ocasião dos eventos de Lisboa Capital Ibero Americana da Cultura. Estávamos ali num grupo de — então, uns mais que outros — jovens arquitetos brasileiros: eu, Alvaro Puntoni, Luciano Margotto, Luiz Mauro Freire, Vinicius Andrade, Marcelo Morettin e Anna Julia Dietzsch. Todos éramos convidados para o

evento com passagens pagas pelo governo brasileiro e hotel oferecido pela prefeitura de Lisboa.

Solano Benítez era o único representante paraguaio.

Nós, os brasileiros, estávamos ali não sem entusiasmo, mas também de certa maneira por força das circunstâncias.

Ele, por determinação. Pagara as próprias passagens; saíra do seu país pela primeira vez com o propósito de expandir seu campo de diálogo como arquiteto.

Logo nos juntamos como se fôssemos uma só delegação latino-americana.

Naquela época não era fácil entender as condições, as razões e os propósitos do seu trabalho.

Ele operava num contexto — aquele mesmo mar — desconhecido para nós. Trabalhava a partir de referências diferentes daquelas em que nós havíamos sido formados e produzia uma obra que não se podia classificar nas categorias que acreditávamos dominar.

Hoje, é mais fácil perceber isso. É mais simples notar que não discordávamos. Mas nos faltavam as palavras de maior entendimento. Afinal, vínhamos de contextos, que apesar de tão próximos e de tantos problemas comuns, eram feitos historicamente distintos. Assim, não compartilhávamos uma mesma base cultural solidamente constituída. Ali soubemos que se quiséssemos dividir uma identidade, ela precisaria ser construída.

Aquelas primeiras obras de Solano que vimos em Lisboa demonstravam que ele aceitava as condições e recursos disponíveis no contexto paraguaio — materialmente precária como ilustra um tijolo quebrado; culturalmente rica como ilustra a condição bilíngue da população de um país que não aniquilou a cultura precedente ao processo de colonização —, mas aceitava aquelas condições sem, contudo, resignar-se a elas. Ou seja, ele não se limitava à primeira configuração possível dos recursos de que dispunha. Ao contrário. Já ali, ensaiava — com protótipos submetidos à prova de cargas, com análises de esquemas estruturais que isolavam o papel de cada elemento resistente — a invenção de um repertório próprio de que ele se servia como uma plataforma para lançar os seus projetos. Depois, esse repertório ganharia um nível de elaboração que, creio, nenhum de nós poderia então vislumbrar.

PRÁTICA E DISCURSO

Casas como a Fanego e a Abu&Font são obras maduras.

Creio que elas só existem graças à atuação do arquiteto em dois campos, que, embora sobrepostos, podem ser descritos separadamente, apenas para maior clareza do que quero dizer.

O primeiro campo tem lugar na prática profissional. Pertence ao domínio das técnicas e normas. São vinte anos de pesquisa de materiais e soluções que se somam no repertório próprio do arquiteto. Com destaque para o fato de que, no contexto paraguaio, essas realizações não se viabilizariam senão pela soma das funções de projetista e construtor, que o Gabinete de Arquitectura, fundado por ele, acumula. Digo isso porque essa condição potencializa a possibilidade e o resultado da sua pesquisa construtiva.

O segundo campo tem seu lugar no discurso. Ele atua, sobretudo, nas inúmeras palestras que o arquiteto faz em diversos países. Pertencem, principalmente, ao domínio do simbólico. É aqui que ele se orienta e constitui as prerrogativas de validade universal do que diz através dos seus projetos.

Devo dizer que me sinto aqui um interlocutor sem distanciamento ou isenção, sinto-me ao mesmo tempo um intérprete privilegiado do que vejo. Pois sei que hoje, depois de quinze anos, posso olhar para essas obras e entendê-las melhor, posso desfrutá-las com maior prazer do que poderia antes. Isso, por dois motivos.

O primeiro deles é que aprendi um pouco das suas razões. O segundo é mais interessante porque aberto a qualquer um, uma vez que se deve ao fato de que, hoje, a obra madura de Solano serve-se também de razões compartilhadas. Isso é, de uma base cultural comum construída como meta a partir de diferenças culturais. Multiplicam-se assim as suas prerrogativas de validade.

Também, desse modo, o arquiteto se mostra generoso. É como se nos convidasse a entrar nas casas que ele faz.

DUAS CASAS

Assim, quando vejo o aparelho de apoio da casa Fanego, sinto como se Solano nos dissesse: sintam-se em casa. É uma entre tantas outras portas criadas por ele para nos oferecer a possibilidade de compreender as razões do outro. Ali, tudo nos convida. Até as paredes de tijolos se abrem à nossa entrada.

A casa Abu&Font é uma casa aberta a todos os filhos, netos e os amigos de uns e outros. O programa, como o nome indica, é, na verdade, mais do que aparenta. São três casas concentradas ali. Há um pequeno estúdio para um filho solteiro no andar inferior e, no andar superior, estão dependências que acomodam a família de uma das filhas e também, separadamente, as dependências da mãe, ou avó [abu-ela]. O térreo, completamente livre, é de todos os que vivem ou não ali. Sagradamente, a família inteira se junta semanalmente para o almoço de domingo. São muitos.

Duas vigas vieredel dispostas transversalmente fazem a estrutura principal dessa obra. Elas atirantam uma laje cerâmica feita com os tijolos, como uma seção de abóboda, que configura o grande espaço no andar térreo. Ampara sem fechar. Mas não há descrição que se aproxime do impacto que causa o resultado desta arquitetura.

CELEBRAÇÃO

Neste ano, em 2009, pela primeira vez, Solano Benítez falou no edifício da FAUUSP. Ele foi apresentado pelo nosso mais ilustre arquiteto, Paulo Mendes da Rocha, para um auditório lotado. Quinze anos se passaram desde Lisboa e ali, neste ano, nós assistíamos as obras que ele nos apresentava como se vivêssemos num mesmo país, pois compartilhamos uma mesma base cultural.

As palestras de Solano são muito especiais, pois ele, como nenhum outro, é capaz de comover a platéia. Na FAUUSP, também foi assim. A última obra que ele nos mostrou, era um projeto de simplicidade transcendente que lhe custou dez anos a desenhar. São quatro vigas dispostas como se flutuassem em meio a um bosque por sobre um pequeno fio veio d'água. Trata-se, na verdade, do túmulo de seu pai. Nó na garganta explodiu em aplausos que não queriam terminar.

Por isso, estou certo de que nenhuma pessoa que estava ali presente poderá esquecer aquele evento. Quero dizer, de cada um ali, Solano fez também sujeito de seu projeto maior: a consolidação de uma base cultural que desejamos compartilhar. É assim, por esse empenho, que ele multiplica sua capacidade de atuação, ou seja, confiando na atuação de todos os outros.

E quando esse discurso, apesar de tudo aquilo que conspira contra, ganha o mundo, nós não chamamos o fato de globalização. Pois sabemos, intuitivamente, que ele é o contrário disso.

De minha parte, eu celebro o fato, como se assistisse ao triunfo sucessivo da amizade.

ANGELO BUCCI, amigo de Solano Benítez, é arquiteto [FAUUSP 1987], com mestrado [1998] e doutorado [2005] pela mesma instituição. É professor da FAUUSP desde 2001 e mantém o escritório SPBR Arquitetos desde 2003.

Foi também professor visitante do MIT [Cambridge, Estados Unidos, 2008], IUAV [Veneza, Itália, 2008 e 2009], GSD Harvard [Cambridge, Estados Unidos, 2008], Torcuato Di Tella [Buenos Aires, 2006], UC Berkeley [São Francisco, Estados Unidos, 2006], Universidade de Cuenca [Equador, 2005 e 2007], Andres Bello [Santiago, 2005 e Arizona State University [Phoenix, Estados Unidos, 2005].